



Fonte: SILVA, Walter Guedes da. Controle e domínio territorial no sul do estado de Mato Grosso: uma análise da atuação da Cia Matte Larangeira no período de 1883 a 1937.

Ao final do século XIX, a atual região sul do Mato Grosso do Sul era habitada majoritariamente pelo povo indígena Avá-Guarani, que historicamente a ocupou. Algumas das principais características do modo de vida Avá-Guarani era a habitação coletiva de famílias estendidas, com grupos de parentes ocupando a mesma moradia. Também o ato de se deslocar pelo território, transferindo-se para outra região para visitar parentes, era característico desse povo.

No século XIX, a Guerra do Paraguai (1864-1870) provocou mudanças significativas na vida dos Avá-Guarani, pois a circulação de não indígenas pela região se intensificou e o governo brasileiro, visando a defesa, procurou fortalecer a presença do Estado na área, ocupando áreas de fronteira com o Paraguai. A presença do Estado brasileiro passa a interferir nas características socioculturais dos indígenas, que já tinham sido impactados pela guerra, pois muitos engajaram-se para lutar e muitos outros fugiram da região.

Após o fim do conflito, tendo o Estado Brasileiro estabelecido o controle da área, uma comissão oficial percorreu a região para realizar a demarcação das fronteiras. Junto a essa comissão estava o empresário do ramo alimentício Thomaz Larangeira, responsável por fornecer alimentação durante a expedição. Enquanto percorria a região, ele observou nela as grandes possibilidades econômicas da exploração comercial da erva mate nativa. Em 1877 começou a explorar o produto no lado paraguaio, enquanto aguardava autorização do governo brasileiro para instalar-se no Brasil. Através de um decreto imperial, em 1882 Thomaz Larangeira recebeu a concessão para ser o primeiro explorador legal de erva mate nativa na região, sob sua companhia Matte Larangeira, na área que compreendia a região sul do atual estado do Mato Grosso do Sul. Inicialmente, o decreto imperial permitia a exploração da erva também pelos moradores locais, mas com a chegada do regime republicano em 1889 e a influência do empresário com políticos do novo regime, a exploração da erva tornou-se um monopólio da empresa.



Trabalhadores carregando sacos de erva mate para o transporte. Data e fotógrafo não informados. Fonte: Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul, <https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/2017/11/08/no-seculo-19-matte-larangeira-teve-2-milhoes-de-hectares-no-paraguai/> (30/06/2023)

Nos ervais, a companhia utilizava-se da exploração da mão-de-obra indígena para a extração da erva, causando grandes impactos na organização socioespacial do povo Avá-Guarani que habitava a região. O modo de trabalho consistia no sistema de obragem, que obrigava os indígenas a deslocarem-se de uma região para outra para localizar e colher a erva de acordo com sua disponibilidade. Dessa forma, conviviam com diversos indivíduos não-indígenas e experimentavam interações que os colocavam em contato com hábitos estranhos a sua cultura. O trabalho os obrigava a deslocarem-se constantemente para longe de suas famílias, abandonando suas casas tradicionais e suas próprias atividades de subsistência. Essas longas jornadas, às quais os indígenas estiveram submetidos no trabalho nos ervais, colaboraram para a fragmentação e dispersão das famílias e, portanto, comprometeram a sociabilidade Avá-Guarani como um todo.



Homens e mulheres indígenas junto a outros trabalhadores da Matte Larangeira. Fonte: Museu da imagem e som do Mato Grosso do Sul.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes/museu-apresenta-exposicao-sobre-companhia-matte-larangeira> (30/06/2023).

Além da perda de seu território histórico e da fragmentação social, os Avá-Guarani estiveram sujeitos à exploração e a condições insalubres de trabalho pela Cia Matte Larangeira, uma vez que na maioria das vezes não eram remunerados, recebendo como pagamento objetos de uso pessoal de valor inferior ao que deveriam receber por remuneração de seu serviço.



A fotografia mostra um homem carregando um fardo de erva mate evidenciando as condições de trabalho nos ervais da Companhia Matte Larangeira. Fonte: Arquivo Público Estadual de Mato Grosso de Sul.

<https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/2017/11/08/no-seculo-19-matte-larangeira-teve-2-milhoes-de-hectares-no-paraguai/> (30/06/2023).

Os encarregados da empresa utilizavam diferentes técnicas para convencer os indígenas a trabalharem, bem como para se apropriarem de ervais que estavam em posse deles. Muitas vezes os enganavam ou os obrigavam a contrair dívidas, de modo que seriam forçados a pagar trabalhando. Muitos dos indígenas que tentaram fugir e retornar para suas casas foram perseguidos, submetidos a perseguição ou até mesmo mortos.

Não há consenso sobre a quantidade de indígenas que trabalharam nos ervais da Matte Larangeira. Alguns autores mencionam que cerca de três mil trabalhadores foram engajados nesses trabalhos; outros dizem que é possível que tenham sido em torno de quinze mil trabalhadores. O fato é que a presença indígena nos ervais é frequentemente invisibilizada, destacando-se na maior parte das vezes somente a presença de trabalhadores paraguaios. De acordo com o pesquisador Antonio Brand a proximidade cultural entre os Avá-Guarani e paraguaios foi utilizada até mesmo como estratégia de sobrevivência pelos indígenas, uma vez que os paraguaios sofriam menos preconceito por parte dos não indígenas. Esses

fatores contribuíram para o apagamento narrativo da presença Avá-Guarani nos ervais da Matte Larangeira.

Para saber mais sobre o assunto, consulte o material que utilizamos para realizar esse trabalho:

ALCÂNTARA, G. K.; OMOTO, J. A.; ARAUJO JUNIOR, J. J.; RAMOS, L. M. M. **AVÁ-GUARANI: a construção de Itaipu e os direitos territoriais**. ESMPU, Brasília, 2019.

FERREIRA, Eva Maria Luiz; BRAND, Antonio. Os Guarani e a erva mate. **Fronteiras**, Dourados, v. 11, n. 19, p. 107-126, jun. 2009.

FERREIRA, Eva Maria Luiz; FALCÃO, Mariana Silva. Os Kaiowá e Guarani como mão de obra nos ervais da Companhia Matte Larangeira (1890-1960). **Revista de História da Ueg**, Anapólis, v. 2, n. 2, p. 94-110, dez. 2013.